

MV, CP 1449, 01415 SP.

Meu caro Milton, respondo imediatamente a tua carta de 16/4, para limpar a minha cabeça da sombra que você lançou sobre ela. Retenho um aspecto positivo da tua carta: você vive o desafio como aventura que te enriquece. O resto me entristece, porque evidencia surpreendente incomunicabilidade entre nós: Eu digo "chove", você responde "o gato é preto". Não consigo decifrar tua carta no sentido de revelação da situação brasileira e do clima existencial reinante. Nem realmente consigo decifrar tua própria posição em meio disto. Mas o pior nisto é que sinto abismo entre nós quanto ao nosso estar-no-mundo. Você diz que não te interessas pelo mundo (Polônia, América, Europa etc. mas também música, pintura, holografia etc.) mas somente pelo aqui e agora (entenda-se SPaulo da técnica e engenharia). Sei que você diz isto "for argument's sake", mas isto já é suficientemente terrível na boca de quem é capaz de "teoria". Será que o aqui e agora (a geografia e história) conseguirão a separar-nos. Estamos voltando de Budapeste, e a coisa da decomposição comunista remete as nossas entranhas. Disse num artigo recente que "depois de dezenas de anos de congelamento os ovos dinosauídeos estão rompendo suas cascas e que os monstros pré-históricos passam a brincar novamente sob o sol do mercado livre". Os acontecimentos entre Berlim e Pyongyang, e entre Archangelsk e Phnom-Penh (e que tocam 3/4 da humanidade) te deixam indiferente? E a vitória da imagem sobre a razão discursiva, da magia sobre a consciência histórica na România não te fascina? Você me mostrou em outros tempos a íntima relação entre o nazismo e a UFA (embora o Kitsch das imagens fascistas não te impressionou), e agora sei avaliar melhor teu ponto de vista. Não diga que estou "pendo na tua boca": estou aproveitando tua visão penetrante e paradoxal para o meu entendimento das coisas. Foi convidado a presidir simposio internacional sobre "o poder da imagem" em Mannheim (a ser seguido em Bucarest e Coimbra), e o terror dos filmes com Zarah Leander e das fotografias de Leni Riefenstahl estará presente da minha mente. Devo isto a você malgré toi, como tantas outras coisas. Por favor, caro amigo: não permita que o "aqui" seja mais forte que o "agora", e sobretudo que o "sempre em toda parte".

Devo participar este ano de diversas reuniões sobre "nomadismo" (conceito em voga tanto quanto "pos-história" que cunhei no Brasil sem que isto tivesse notado lá, mas foi bem notado na Europa). Ora: nomadismo enquanto forma existencial "pos-sedentária" (a começar pelo turismo e avanço do sul rumo ao norte, e a terminar provisoriamente pelas bolsas de estudos e as multinacionais) vence o "aqui" em prol do "agora". Não seja sedentário demais, caro amigo, e venham.